

Canção para a mestra querida

Disseram-me que a poesia de nada servia.

E eu vim pensando nas palavras que diria, mestra querida.

É mesmo. Poesia não vale dinheiro, não compra passagem, felicidade, prestígio ou fama. Poesia a gente põe no rol das coisas inúteis como o bilhete de amor do namorado, como as flores sem *pedigree* que nascem na rua, como o abraço do filho que retorna da viagem, como a lua que, toda noite, e insistentemente, repete uma aparição diferente...

E eu vim pensando nas palavras que te diria, D. Yvonne.

Pensei em Camões, Bilac, Antero de Quental, Fernando de Pessoa e todas as vozes que ainda ecoam no velho casarão da Fafil... Entre as paredes, de velho adobe, murmúrios de tempos que se irmanavam: vozes de velhos poetas, poetas novíssimos surgindo...

D. Yvonne, de salto alto, equilibrava-se nas nuvens; fazia malabarismos com versos, rendia loas às letras e rimas. E nossos olhos curiosos, enredados pelas aulas da mestra, caíam na fatal armadilha... acabavam fascinados pela poesia.

Mas, para quê, perguntaram-me, durante a vida? Poesia, essa matéria inquieta, não tem nenhuma serventia.

Não serve para emagrecer, não serve para comer, não serve para vestir, não serve para viver.

Dona Yvonne prosseguia, abraçada com seus livros, amiga de seus poetas, citando Fernando Pessoa: *O poeta é um*

fingidor/ finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente...

E nossas almas gulosas, embevecidas de luz, pediam mais uma vez: E a “Nega Fulô”, D. Yvonne, recite mais uma vez....

E de cima de seu salto, no palco de sua sala, D. Yvonne, empertigada, seduzia seus alunos: *Ora se deu, que chegou/ no banguê do meu avô/ uma nega bonitinha/ chamada Nega fulô/ Essa nega fulô...*

Essa professora...

Ah! Ela nos cativou. Falava de Aristóteles e Drummond, passeava do clássico ao popular, servia-se da língua com tanta desenvoltura como quem passa um batom!

Mas, para que, perguntam os céticos: se poesia não tem serventia?

Poesia se fia na vida, como lã bem delicada. Poesia se tece com amor pelas coisas pequeninas. Poesia acalenta o peito das saudades dolorosas. Poesia empresta o ombro, para os corações partidos. Poesia apruma o espírito para as batalhas do dia.

Dona Yvonne, como uma Penélope moderna, teceu, pacientemente, seu tecido do viver. Um século é pouco pra ela e sua fome de saber.

Seu amor pelas palavras, sua pauta de ensinar; sua forma de dizer, sua vocação de mestra... em tudo se vê beleza, dignidade, elegância. Essa jovem centenária tem uma alma de criança!

E se me perguntam ainda: Para que serve a poesia?

Peço-lhes que, com cuidado, olhem bem esse retrato que se pintou pelo tempo. Vejam a luz que emerge dessa memória de menina...

A poesia escolheu você para espelho, minha professora querida.

E, se possível, de salto alto!

Com afeto e admiração

Sua aluna de sempre, Ivana.